

VIVÊNCIA SOCIOCULTURAL NO CARATÊ³

PESSOA, Marcelo – Docente UEMG e Atleta Marcial – <https://orcid.org/0000-0002-9193-4604>

RESUMO: Estudar ou viver o que se prega nos escritos marciais implica em entender que o elo comum entre um e outro escrito sobre o tema são os pontos de vista, os aprendizados estudados e vividos por cada praticante. Cheguei a esta conclusão, por que, na tarefa reflexiva de depreender, por meio da varredura atenta de cada texto marcial lido, talvez não conseguisse efetivamente apreender em que medida os elementos marciais vivenciados por outros pudessem ser reais para mim. Justifica a elaboração deste relato de experiência, o fato de que, uma vez que até mesmo para mim este contexto não tivesse sentido algum que valesse a pena investir tempo em lê-lo, por qual razão eu deveria imaginar que valeria a pena para alguém? Fundamenta este breve falar, a obra *Memória e Sociedade* – lembranças de velhos, donde se lê: “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” (BOSI, 1995, p. 55).

PALAVRAS-CHAVE: Produção e Difusão do Conhecimento, Estudos Filosóficos Intersemióticos, Letras

ABSTRACT: Studying or living what is written in martial writings implies understanding what is common between one and another written on the subject are the points of view, the learnings studied and lived by each practitioner. I came to this conclusion because, in the reflexive task of understanding, by carefully scanning each martial text read, I might not be able to effectively grasp to what extent the martial elements experienced by others could be real to me. It justifies the elaboration of this experience report that, since even this context to me made no sense that it was worth investing time in reading it, why should I imagine it would be worth it to anyone? This brief talk is based on *Memory and Society* – memories of old people, which reads: “Most of the time, to remember is not to revive, but to redo, rebuild, rethink, with images and ideas of today, the experiences of the past. Memory is not a dream, it is work” (BOSI, 1995, p. 55).

KEYWORDS: Knowledge production and dissemination, Intersemiotic Philosophical Studies, Letters

³ O título deste “Relato de Experiência” aparece sob o formato “Resumo”, neste mesmo volume, na Seção “Resumos”, uma vez que foi recusado em evento promovido por um Grupo de Pesquisa, também da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, Unidade Frutal. Vale dizer, também, que o texto aqui publicado consiste numa síntese, derivada de um texto bem maior, que será lançado sob o formato “Livro”, durante o ano de 2020.

RELATO DE EXPERIÊNCIA SOCIOCULTURAL

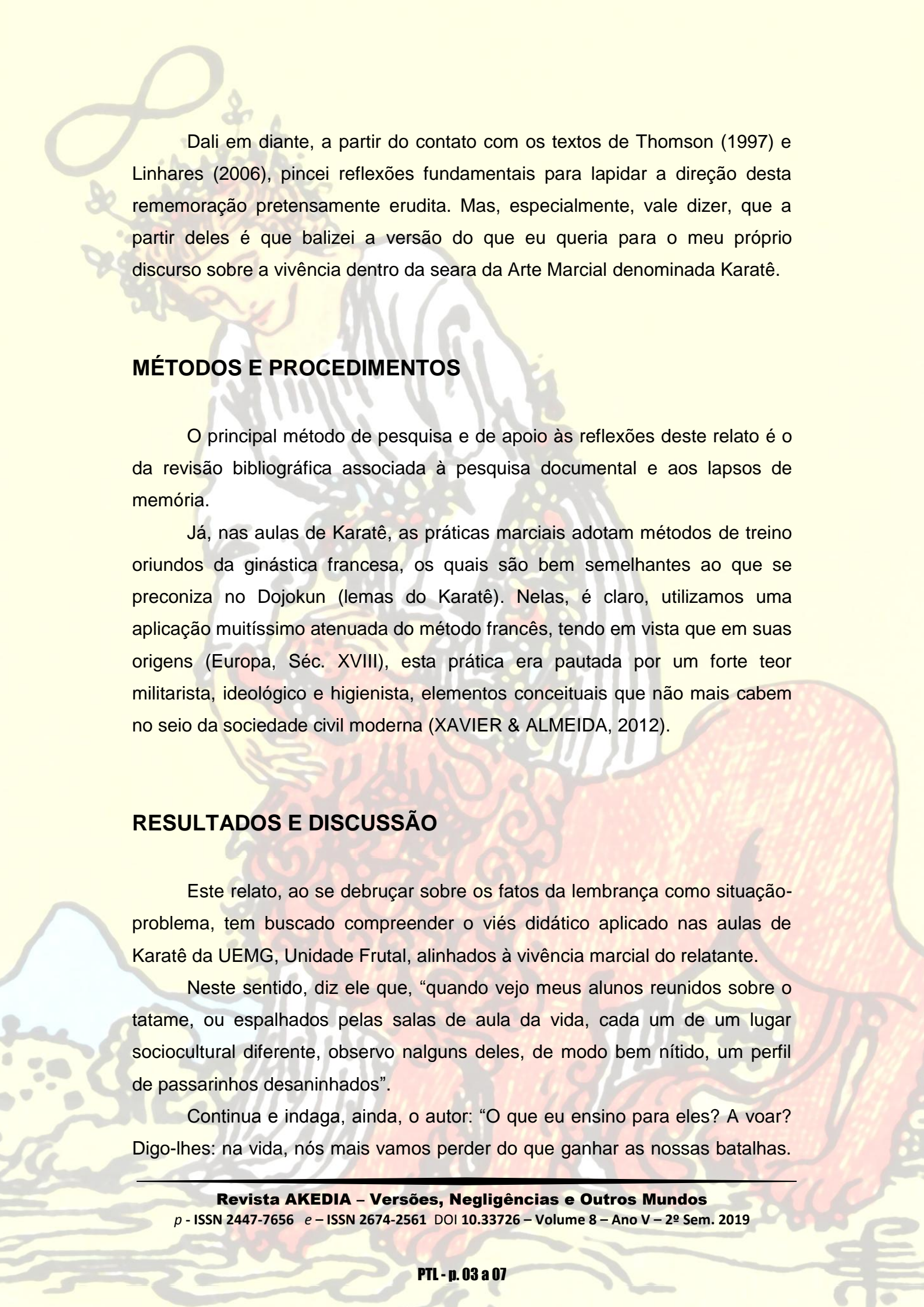
INTRODUÇÃO

Quando pesquisamos certo fenômeno sociocultural, ou estudamos uma nova espécie animal, por exemplo, é comum que, ao discorrer sobre esta ou aquela investigação, se produzam diversos textos, muito diferentes entre si, tendo em vista que o foco reside sobre os objetos analisados e não sobre as próprias convicções que se tenha sobre esta ou aquela expressão de realidade. Assim, eu posso discorrer livremente sobre as greves estudantis, ou sobre a paralisação dos caminhoneiros, ou sobre a crise do comércio internacional protagonizada recentemente pelos EUA e China.

Contudo, quando a matéria prima do meu discurso de pesquisa tem por foco uma metarreflexão, ou seja, parte-se da própria biografia de formação humana ou profissional docente, por exemplo, a separação entre uma percepção e outra, entre um texto e outro fica mais improvável. Por quê?

Por exemplo, minhas experiências de vida ou didáticas, podem, simultaneamente, servir de substrato, tanto para sustentar uma produção em que eu discuta o papel político da universidade num cenário de arrocho fiscal, quanto para versar sobre a emergência de imigrantes venezuelanos em certa cidade do país. Noutros termos, eu posso contar minhas histórias e estórias, fazendo perpassar por elas fatos da sociedade real à qual pertencem Universidades, arrochos fiscais e a vinda de estrangeiros ao Brasil.

Daí, levando em conta que imponho, aqui, um jeito particular de narrar, informo que me caíram às mãos dois brilhantes textos, os quais mantive como molas mestras desta empreitada de memórias. Um deles, denominado “Recompondo a Memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias” (THOMSON, 1997). A outra obra, “Memórias Inventadas: figurações do sujeito na escrita autobiográfica de Manoel de Barros” (LINHARES, 2006). Estes textos me instigaram a imaginação em relação às escrituras e vivências que até então eu tentara imitar ou reinventar.



Dali em diante, a partir do contato com os textos de Thomson (1997) e Linhares (2006), pincei reflexões fundamentais para lapidar a direção desta rememoração pretensamente erudita. Mas, especialmente, vale dizer, que a partir deles é que balizei a versão do que eu queria para o meu próprio discurso sobre a vivência dentro da seara da Arte Marcial denominada Karatê.

MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

O principal método de pesquisa e de apoio às reflexões deste relato é o da revisão bibliográfica associada à pesquisa documental e aos lapsos de memória.

Já, nas aulas de Karatê, as práticas marciais adotam métodos de treino oriundos da ginástica francesa, os quais são bem semelhantes ao que se preconiza no Dojokun (lemas do Karatê). Nelas, é claro, utilizamos uma aplicação muitíssimo atenuada do método francês, tendo em vista que em suas origens (Europa, Séc. XVIII), esta prática era pautada por um forte teor militarista, ideológico e higienista, elementos conceituais que não mais cabem no seio da sociedade civil moderna (XAVIER & ALMEIDA, 2012).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este relato, ao se debruçar sobre os fatos da lembrança como situação-problema, tem buscado compreender o viés didático aplicado nas aulas de Karatê da UEMG, Unidade Frutal, alinhados à vivência marcial do relatante.

Neste sentido, diz ele que, “quando vejo meus alunos reunidos sobre o tatame, ou espalhados pelas salas de aula da vida, cada um de um lugar sociocultural diferente, observo nalguns deles, de modo bem nítido, um perfil de passarinhos desaninhados”.

Continua e indaga, ainda, o autor: “O que eu ensino para eles? A voar? Digo-lhes: na vida, nós mais vamos perder do que ganhar as nossas batalhas.

Vencer é bem mais agradável, receber prêmios e elogios é mais gostoso. Porém, como reagimos quando perdemos?”.

Em suma, é isso que ensino (diz o autor). Isto é, o que se rememora, é que, parte de nosso treinamento marcial consiste no aprendizado do saber perder com dignidade, em respeitar ao próximo como a nós mesmos, e em nunca desistirmos sem tentar.

Neste processo, o ser humano é unidade substancial, do modo como definia Aristóteles, e não um agregado de matéria ou extensão. Por isso, cabe a qualquer processo pedagógico visualizar, como finalidade última, a beleza dos gestos e das atitudes que refletem o esplendor da alma (FERACINE, 2011, p. 34).

CONCLUSÕES ou CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não sei se é possível quantificar e traduzir em valores ou representar por meio de gráficos a isso tudo que é ou o que deveria ser a minha vida marcial, mas sei que o preço a ser pago, analisado sob qualquer parâmetro que se avalie nossos dispêndios pessoais, sempre são muito altos.

Nesse sentido, acredito muito no que nos ensina o filósofo Mário Sergio Cortella. Diz-nos ele, mais ou menos nestes termos: “mais do que nos preocuparmos com o mundo que nós vamos deixar para os nossos filhos, precisamos nos precaver é quanto aos filhos que nós deixaremos para o mundo”.

Como professor universitário ou como professor de Karatê esta tem sido uma preocupação muito íntima. Preparar melhor os seres humanos com os quais eu tenha algum tipo de contato, fortalecendo-os, não somente para o mercado de trabalho, mas, sobretudo, para a vida.



REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade – lembranças de velhos*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.

FERACINE, Luiz. *Erasmus de Rotterdam*. São Paulo: Escala, 2011.

LINHARES, Andrea Regina Fernandes. Memórias Inventadas: figurações do sujeito na escrita autobiográfica de Manoel de Barros. Dissertação de Mestrado: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE, 2006. Disponível em <http://www.ppgletras.furg.br/disserta/andrealinhares.pdf>.

THOMSON, Alistair. *Recompondo a Memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias*. In: Projeto História, nº 15. São Paulo: EDUC, 1997.

XAVIER, Eduardo Mosna & ALMEIDA, Marco Antonio de. *Nacional Desenvolvimentismo: as influências das escolas francesa e alemã de 'gymnástica' para a educação física escolar*. 2012. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd172/as-influencias-das-escolas-francesa-e-alema-de-gymnastica.htm>, acesso em 19/03/2016, às 14h45m.